



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
CURSO DE JORNALISMO**

LUIZ JACKSON RODRIGUES DA SILVA

**REMÍGIO-PB NAS PÁGINAS DO JORNAL “O PAPAGAIO” NUMA PERSPECTIVA
FOLKCOMUNICACIONAL**

**CAMPINA GRANDE
2024**

LUIZ JACKSON RODRIGUES DA SILVA

**REMÍGIO-PB NAS PÁGINAS DO JORNAL “O PAPAGAIO” NUMA PERSPECTIVA
FOLKCOMUNICACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Departamento do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharelado em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Ada Kesea Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Luiz Jackson Rodrigues da.
Remígio nas páginas do Jornal "o Papagaio" numa perspectiva Folkcomunicação [manuscrito] / Luiz Jackson Rodrigues da Silva. - 2024.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesseá Guedes Bezerra, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Folkcomunicação. 2. Jornal O Papagaio. 3. Memória. 4. Luiz Beltrão. 5. Remígio-PB. I. Título

21. ed. CDD 070.4

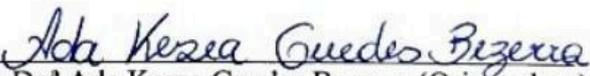
LUIZ JACKSON RODRIGUES DA SILVA

**REMÍGIO-PB NAS PÁGINAS DO JORNAL "O PAPAGAIO" NUMA PERSPECTIVA
FOLKCOMUNICACIONAL**

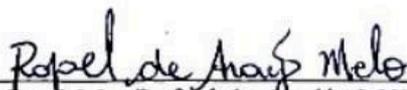
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Departamento do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharelado em Jornalismo.

Aprovada em: 23/06/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Ada Keesa Guedes Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Rafael de Araújo Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha madrinha, Carmen Sheila (In
Memorian) pela dedicação, incentivo e tudo
que me proporcionou, DEDICO.

“A memória é o essencial, visto que a literatura, está feita de sonhos e os sonhos, fazem-se combinando recordações.”

Jorge Luis Borges

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Capa do jornal “O Papagaio” - Ano I	14
Figura 2	– Seção dos Cúmulos - Ano I - O Papagaio	20
Figura 3	– Mote - Edição 1 - Ano I - O Papagaio	20
Figura 4	– O monstro que eu te dei - Ano I - O Papagaio.....	20
Figura 5	– O que o Papa diz - Edição 2 - O Papagaio.....	21
Figura 6	– Procura-se uma moça com as seguintes características - Ano III.....	21
Figura 7	– O que o Papagaio viu - Ano V - O Papagaio.....	22
Figura 8	– Verdades e Mentiras - Ano V - O Papagaio.....	22
Figura 9	– As 7 Maravilhas de Remígio - Ano IV	23
Figura 10	– Anedotas e Providência - Ano IV.....	23
Figura 11	– O que raciocinam as garotas Ano IV.....	23
Figura 12	– Frases Célebres - Ano II - O Papagaio.....	23
Figura 13	– Composições Musicais - Ano IV.....	24
Figura 14	– O bebê Estanislau Eloy entre flores - Ano V.....	24
Figura 15	– O charangueiro Mário Vitório - Ano V.....	24
Figura 16	– Caricatura Zé Cavalcanti - Ano III.....	25
Figura 17	– Caricatura Amauri Leal - Ano I - O Papagaio.....	25
Figura 18	– Anúncios no jornal O Papagaio - Ano III.....	25
Figura 19	– Noite dos Motoristas - Ano III - O Papagaio.....	26
Figura 20	– Homenagem - Edição I - Ano I - O Papagaio.....	26
Figura 21	– Acontecimento Inédito - Edição 2 - Ano XVII.....	26
Figura 22	– Debutantes - Edição 2 - Ano XVII - O Papagaio.....	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. A FOLKCOMUNICAÇÃO E OS MEIOS INFORMAIS DE COMUNICAÇÃO DE UM POVO.....	9
3. REMÍGIO PB - DE VILA EM AREIA-PB A MUNICÍPIO	12
4. BREVE HISTÓRICO DO PAPAGAIO	13
5. METODOLOGIA - UMA PROPOSTA DE ANÁLISE.....	15
6. ANÁLISE	19
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

REMÍGIO - PB NAS PÁGINAS DO JORNAL “O PAPAGAIO” NUMA PERSPECTIVA FOLKCOMUNICACIONAL

Luiz Jackson Rodrigues da Silva¹

Resumo

O presente trabalho analisa, sob perspectiva folkcomunicação, as páginas do periódico de circulação impressa, O Papagaio, produzido por jovens estudantes por volta do meio da década de 1940 em Remígio-PB. O objetivo é compreender como o jornal estimulou as relações de sociabilidade dos remigenses na época de sua circulação, utilizando a observação dos elementos folkcomunicação propostos por Luiz Beltrão no livro Folkcomunicação - a comunicação dos marginalizados (1980). A perspectiva metodológica envolve, além da análise de 15 exemplares, entrevistas com moradores de Remígio, na Paraíba, que tiveram ligação direta com o jornal, de modo a apreender a memória afetiva sobre os fatos destacados. Ao analisarmos a linguagem presente no periódico, percebemos a presença de elementos folkcomunicação, as representações culturais de uma determinada região em um jornal local, a preservação da sua identidade e o impacto na sociedade no período em que circulou (Ano 1946 - Ano 1980). Com base nessa análise, verificamos como a folkcomunicação está presente nos conteúdos que anteriormente eram acessíveis apenas no período de sua veiculação. Pode-se ainda identificar as representações culturais e identitárias desempenhando um papel fundamental na construção da comunicação da sociedade remigense. Os resultados deste estudo confirmam que periódicos impressos se constituem como espaços de memória discursiva bem como as concepções apresentadas por Beltrão estão presentes em distintos campos da comunicação.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Remígio-PB; Luiz Beltrão; Jornal O Papagaio; Memória.

Abstract

This work analyzes, from a folkcommunication perspective, the pages of the printed periodical, O Papagaio, produced by young students around the mid-1940s in Remígio-PB. The objective is to understand how the newspaper stimulated the sociability relations of Remigenses at the time of its circulation, using the observation of folkcommunication elements proposed by Luiz Beltrão in the book Folkcomunicação - a comunicação dos marginalizados (1980). The methodological perspective involves, in addition to the analysis of 15 copies, interviews with residents of Remígio, in Paraíba, who had a direct connection with the newspaper, in order to capture their affective memory about the highlighted facts. When analyzing the language present in the periodical, we noticed the presence of folk communication elements, the cultural representations of a certain region in a local newspaper, the preservation of its identity and the impact on society in the period in which it was circulated (Year 1946 - Year 1980). Based on this analysis, we verified how folkcommunication is present in content that was previously only accessible during the period of its broadcast. It is also possible to identify cultural and identity representations playing a

¹ Graduando do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

fundamental role in the construction of communication in Remigense society. The results of this study confirm that printed periodicals constitute spaces of discursive memory and that the concepts presented by Beltrão are present in different fields of communication.

Keywords: Folkcommunication, Remígio-PB, Luiz Beltrão, Newspaper The Papagaio, Memory.

1. Introdução

O periódico O Papagaio foi um jornal impresso que circulou na cidade de Remígio, na Paraíba, onde a primeira edição foi registrada no ano de 1946. Produzido por jovens remigenses que estudavam fora do município, o jornal circulava, sobretudo, durante a Festa da Padroeira da cidade e chamava a atenção da população local por ter como conteúdos assuntos e curiosidades, fatos e causos envolvendo os próprios remigenses.

O propósito deste artigo foi analisar, sob a perspectiva folkcomunicação, o conteúdo do periódico que teve circulação local por meio da coleta, organização, interpretação e estruturação de conteúdos publicados no periódico em consonância com depoimentos de remigenses que vivenciaram a época de vigência do jornal com foco nos elementos folkcomunicação presentes em suas publicações. Esta investigação foi fundamentada no estudo de Luiz Beltrão, bem como pela bibliografia sumária que ele usou para sua pesquisa em *Folkcomunicação - A comunicação dos marginalizados* (1980).

Assim, os objetivos que norteiam esta abordagem são: compreender a ótica da população local sobre o jornal O Papagaio no contexto de sua circulação; rememorar os acontecimentos sociais e históricos que marcaram a época em que o jornal circulou no município de Remígio; identificar como era feita a produção e circulação do jornal; e por fim, apreender quais os elementos folkcomunicação se fizeram presentes nesse processo comunicativo entre os remigenses através das páginas de o Papagaio.

A teoria da Folkcomunicação é uma teoria brasileira da comunicação desenvolvida por Beltrão durante seu doutorado em 1967. Baseado na observação de elementos culturais, o teórico valoriza a comunicação popular em todas as suas formas de expressão. A folkcomunicação investiga as mensagens das expressões folclóricas, enquanto o pesquisador utiliza a teoria para compreender a origem dessas mensagens culturais e como são difundidas.

A escolha da temática surgiu de um interesse particular, já que Remígio se trata de minha cidade natal e lugar onde moro. Este trabalho também possui, no meu entendimento, uma extensa relevância social e acadêmica para a compreensão da história de Remígio, contribuindo para um melhor conhecimento historiográfico da cidade e dos estudos de história local. Neste caso, a investigação interessa, portanto, no sentido que o jornal O Papagaio foi veiculado em Remígio-PB nos anos 1940 e o problema de pesquisa foi investigar como o periódico estimulou as relações de sociabilidade dos remigenses na época de sua circulação, expressando um fazer de filhos de Remígio versando sobre os sujeitos e fatos da cidade, e tendo estes sujeitos também como público.

Diante disso, preservar a memória é essencial para que a sociedade possa evoluir de forma positiva, adquirindo conhecimento sobre sua história local e origens culturais, garantindo assim um desenvolvimento satisfatório e a preservação de antigas tradições.

Para Rodrigues e Machado (2010, p. 23), “a memória constitui um fator de identificação humana; é a marca ou o sinal de sua cultura. É ela que nos distancia ou que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns”. E é a identidade cultural que define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros.

A história de Remígio-PB possui muitas fragilidades no registro de suas informações pela falta de mecanismos de registro de suas práticas, ficando a vida em sociedade relegada à memória dos moradores mais antigos da região. Por isso, a presente pesquisa tem a função de contribuir para a história local e regional.

É importante destacar que ao longo de minha trajetória como acadêmico do curso de jornalismo, a realização deste trabalho foi sendo desenvolvida de forma sólida pois através da disciplina obrigatória Jornalismo Impresso e da eletiva de Folkcomunicação e Cultura Popular tive a oportunidade de estudar e refletir sobre as notícias que eram veiculadas em jornais impressos, além de ver como a Folkcomunicação desempenha um papel de pertencimento, sobretudo, quando tive acesso ao conteúdo do jornal “O papagaio”, através dos raros exemplares que foram encontrados por um colecionador local e que serviram de corpus para esse estudo.

Foi a partir deste achado que me veio a ideia de pesquisar e analisar como suas publicações estimulavam a sociabilidade dos leitores e da sociedade local da época e resgatar parte da memória de Remígio – município onde nasci e resido. Vale ressaltar que na cidade de Remígio desenvolvo eventos culturais como o Recital Remígio e vídeo-biografias de artistas locais que não são conhecidos, mas que representam a cidade através de suas artes, de modo que já venho desenvolvendo trabalhos que buscam valorizar a cultura do lugar e, principalmente, a memória da cidade.

Portanto, acredito que esse estudo vai contribuir tanto para resgatar uma parte importante da história do município de Remígio-PB, quanto para registrar a história da cidade para as futuras gerações, preservando, assim, a memória da sociedade local e embasar outras pesquisas acerca da imprensa remigense.

2. A Folkcomunicação e os meios informais de comunicação de um povo

A Folkcomunicação foi popularizada pela primeira vez na dissertação de Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) em 1967, logo após a publicação do artigo sobre o ex-voto como forma de comunicação jornalística também escrito por ele e publicado na revista *Comunicações e Problemas*, divulgada pelo Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM).

Beltrão (2001, p. 79) identifica a folkcomunicação como a prática da comunicação popular, “[...] processos de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. Nesse contexto, o papel jornalístico atribuído às práticas de folkcomunicação deve-se à sua capacidade de mediação dos conteúdos e ofertas da indústria cultural ou mesmo do conhecimento erudito especializado, “com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 2001, p. 257).

Primeiramente, Beltrão analisou que a comunicação não é exclusiva dos eruditos ou acadêmicos, ela ocorre não apenas através da mídia, ou seja, televisão, rádio e cinema, mas também através de conversas familiares, nos salões de beleza, nos bares, nos jornais populares feitos por um grupo de pessoas, etc. Ou seja, nas expressões folclóricas, na comunicação popular, através de diversas formas como nas frases de amor, de saudades, sarcasmo, humor, bordões, provérbios, rimas, nos para-choques dos caminhões, grafites nos muros das cidades, vendedores porta-a-porta, através de cordéis, panfletos, etc, e ainda podem inspirar ações de comunicação unificadas e eficazes.

A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, registrada na colheita dos dados para este estudo, inspirou-me na nomenclatura desse tipo

“cismático” de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das reivindicações coletivas. Denominei-o Folkcomunicação, definindo-o como o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore. (Beltrão, 1971, p. 15).

Ainda que *folklore* e *folkcomunicação* sejam dois termos usados na definição de Luiz Beltrão, é importante acentuar que se trata de territórios diferentes: enquanto o *folklore* estuda as manifestações da cultura popular, a *folkcomunicação* investiga os processos comunicacionais das manifestações. Beltrão também observou que tais manifestações não aconteciam somente com o intuito dos pares se informarem, mas, descreve:

Aconteceu que eu vi que a função da Comunicação não estava tão somente em informar ou orientar, estava também em educar, havia uma função promocional. Então eu comecei a aprofundar esses estudos e o resultado é que o conceito de Folkcomunicação foi ampliado para não dar somente a ideia de que o povo utiliza a Folkcomunicação para trocar notícias, mas sim para se educar.” Dizer o que ele quer dizer, se promover e entreter-se também, divertir-se do mesmo modo que nós usamos o sistema estabelecido, o que chamei de comunicação social para uma diferenciação da comunicação folclórica. (Beltrão, 1980, p. 28).

As primeiras concepções sobre a Folkcomunicação, que renderam ao autor o título de primeiro Doutor em Comunicação do Brasil, foram transformadas em um livro chamado *Comunicação e Folclore* (1971). Porém, somente em 1980, o autor alcançou reconhecimento nacional com a publicação de seu segundo trabalho intitulado: *Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados* (1980), pois Beltrão apresentou uma teoria muito mais elaborada e aprofundada, fruto de pesquisas empíricas realizadas em diversas regiões do Brasil, especialmente em Brasília, e em comparação com estudos similares feitos em outros países. A partir de então, suas ideias se espalharam por todo o país, conquistando seguidores que deram continuidade a algumas de suas propostas, tais como José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Oswaldo Trigueiro, Joseph Luyten, entre outros.

No momento atual, a teoria está sendo resgatada, aprimorada e ampliada no Brasil através da Rede FOLKCOM, que conta com o suporte da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Desde aquele momento, houve muita discussão sobre as novas interpretações do termo "Folkcomunicação em uma era de globalização". Durante o XXV Intercom, que aconteceu em Salvador no ano de 2002, Antonio Hohlfeldt, estudioso e seguidor de Beltrão, apresentou uma nova definição da teoria. Para ele:

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar - necessariamente - que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (Hohlfeldt, 2002).

E de acordo com Luyten (1983) apud Melo (2008) a folkcomunicação é, de fato, a comunicação em um nível popular, e ressalta que popular deve ser compreendido como tudo aquilo que se refere ao povo. Desde então os estudos vêm se ampliando, passando por outras áreas da comunicação e evidenciando variados objetos de estudo, entre eles os cordéis, os grafites, as xilogravuras, a música, as manifestações religiosas, as festas populares e o nosso objeto de estudo, no caso, um jornal feito por populares com foco em assuntos e curiosidades locais, com uma linguagem acessível, bem humorada e sem interesses comerciais.

Uma questão específica carece discussão, o autor (1980) acrescenta que o termo marginal adotado no contexto citado, apresenta duas características: “oposição à mudança e preconceito” que também se aplicam aos grupos culturalmente marginalizados, por se tratar do indivíduo que está à margem de duas culturas e de duas sociedades que não se inter-relacionam e nem se fundem totalmente. Posteriormente, o termo ganhou significado pejorativo, sendo o marginal considerado elemento perigoso, ligado ao mundo do crime, o fora-da-lei, vagabundo, violento, homem ou mulher que vivia da bebida, dos tóxicos, da prostituição e dos atentados à propriedade. Extensivamente, foi aplicado “aos pobres, em geral desempregados, migrantes, membros de subculturas, minorias raciais e étnicas, transviados de qualquer espécie.” (Perlmann apud Beltrão, 1980, p.39).

Mas Beltrão ([1980] 2004a, p. 84) denominou como marginalizados os grupos rurais marginalizados, aqueles isolados geograficamente em situação de penúria econômica e baixo nível intelectual; denominou de grupos urbanos marginalizados, aqueles situados nos escalões inferiores das classes subalternas, desassistidos e sub informados; enquanto os grupos urbanos e rurais se referia aos contestadores dos princípios conservadores da moral e da estrutura social vigente, a partir dos quais aprofundou sua pesquisa sobre as manifestações folkcomunicaçãois no Nordeste brasileiro.

Beltrão (1960, p. 109) assevera que “o jornalismo, por mais universalista que seja a sua linguagem, precisa ser entendido primeiro pela sua própria gente”. Tal espírito comunitário se faz ainda muito presente nas redações de jornais pelo interior, acentuado o valor testemunhal do progresso e do trabalho dos que foram pioneiros nesta atividade.

Os periódicos regionais costumam divulgar de maneira mais acessível do que os veículos de comunicação das grandes cidades, símbolos e imagens relacionados à cultura local, interagindo mais diretamente com a população, o que leva as pessoas a saírem da passividade para se tornarem mais ativas. Existe uma clara interação nesse contexto.

Durante a apresentação de sua tese de doutoramento na Universidade de Brasília, em 1967, Luiz Beltrão concluiu que as camadas populares são capazes de produzir bens simbólicos, mesmo quando apoiados pelas classes dominantes. Esse reconhecimento é característico do pensamento latino-americano.

Tais elementos podem ser evidenciados na análise do material coletado bem como nos relatos dos entrevistados. Contudo, se faz relevante antes disso conhecer, mesmo que de forma breve, a história do local onde circulou o jornal.

Ao levar em conta a análise da história local, o historiador inglês Raphael Samuel apresenta reflexões interessantes sobre a história e a historiografia regional na Paraíba, ao afirmar que: “a História local, requer um certo tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado” (SAMUEL, 1990, p. 220). Desse modo, a História local aproxima o pesquisador de seu objeto de estudo, levando-o a ponderar sobre sua própria vivência.

É importante ressaltar que a investigação em História local apresenta determinadas dificuldades, encontradas diretamente na natureza dos documentos, já que estes variam muito pouco de região para região e se concentram principalmente no âmbito local. Geralmente, os documentos que podemos utilizar como fontes são em sua maioria: jornais locais, livros que destacam a região, diários pessoais, registros cartoriais e paroquiais, documentos de

inventário, fotografias e outros, mas é essencial estar atento, pois esses documentos podem ocultar informações e destacar apenas alguns aspectos do local.

Dessa forma, o documento nunca será totalmente explorado sem questionamentos adequados, ele só revelará informações se o pesquisador formular suas perguntas de forma clara aos entrevistados. Quanto à elaboração do processo histórico, cabe ao pesquisador buscar em sua região o material com o qual irá trabalhar em sua investigação. (SAMUEL, 1990).

3. Remígio - De Vila em Areia-PB a município

Remígio é uma cidade localizada na Microrregião do Curimataú Ocidental, sendo caracterizada como uma região de transição entre o brejo, onde o sol nasce, e o agreste do Planalto da Borborema, onde o sol se põe. Os povos originários dessa região, segundo alguns estudiosos, foram os indígenas cariris, que juntamente com “bruxaxás, os queimados, os caxexas, os jandaíras, os janduís, os gitós” (SERAFIM, 1992, p. 14) deixaram um rastro de história nos municípios de Areia, Remígio, Algodão de Jandaíra e Casserengue.

Segundo Serafim (1992), por volta de 1772, a primeira Sesmaria do Sertão de Bruxaxá (atual município de Areia) pertencia a João Morais Valcácer, ficando na região intitulada de Jardim, localizada às margens do rio Riachão, afluente do rio Mamanguape. Em 1878, a sesmaria de Lagoas – posteriormente, Lagoa de Remígio – passa, através de permuta, para Luís Barbosa da Silva Freire, que residia no Rio Grande do Norte e trouxe a família para o lugar. Em terras paraibanas, seu genro de sobrenome Remígio, construiu sua residência às margens de uma das cinco lagoas existentes na região, de onde passou a apoiar os tropeiros que seguiam rumo ao litoral e, com a fama de bom hospitaleiro, o lugar passou a ser conhecido - e difundido - como Lagoa de Remígio. Com esse nome, a localidade seguiu até as primeiras décadas do século XX para se tornar o Distrito de Remígio, pertencente à cidade de Areia, perdendo, assim, seu prenome.

Horácio de Almeida, ressalta, em sua obra Brejo de Areia (1958), que de fato “o primeiro proprietário do lugar, onde assenta atualmente a vila de Remígio foi Luís Barbosa da Silva Freire e que este era possuidor de uma data de terra no Rio Grande do Norte, que permutou pela de Lagoas, posteriormente denominada Lagoa do Remígio, sendo o negócio convencionado e selado mediante a troca de fios da barba entre os dois proprietários”. (Almeida, 1980, p. 118).

Entretanto, há uma dúvida quanto ao nome e sobrenome do cidadão que deu origem ao lugar. Conforme Serafim (1992) o nome da cidade é uma homenagem ao seu primeiro morador: Remígio dos Reis, que teria construído uma casa às margens de uma lagoa existente no local onde surgiu a vila e hoje cidade. Porém, em sua obra O sesmeiro do jardim (2004, p. 21), o próprio Serafim, ao fazer uma genealogia de sua família, declara que “a localidade que hoje é conhecida como Remígio, pertenceu a José Remígio de Araújo, e que ele foi o “primeiro homem com sobrenome ‘Remígio’ nas Lagoas, que se casou em 27 de janeiro de 1812 com a filha de José Barbosa e Ana Maria de Lima e foi morar na margem ocidental da Lagoa, a qual, depois, emprestou seu nome” ao lugar.

Ou seja, podemos supor que, provavelmente, não existiu nenhum senhor chamado “Remígio dos Reis” e que as narrativas sobre ele não passam de conjecturas, haja vista que a documentação existente, pesquisada por Serafim, coloca de fato o nome Remígio como um sobrenome e não como um nome próprio. Apesar disso, o que existe de concreto mesmo é que o povoado “Lagoa de Remígio” passou a categoria de vila pelo “Decreto Lei n. 1164, de 15 de novembro, de 1938”, conforme Mariz (1956, p 92), e, por iniciativa do Deputado Luis

Bronzeado, “a categoria de Município em 31 de março de 1957 pela Lei n. 1667, de 14 de março de 1957” (Mariz, 1956, p. 93).

Dentro desse contexto, o município de Remígio é desmembrado de Areia e ganha sua divisão territorial em 01 de julho de 1960 e pela lei estadual nº 2778, de 18 de janeiro de 1962, ganha como seu Distrito, a região de Algodão de Jandaíra. Passando então a se constituir, a partir de 1963, em duas áreas urbanas: Remígio e Algodão, como permanece até 1994, quando pela Lei nº 5.928, de 29 de abril deste ano, Algodão é elevada à categoria de município, com a denominação de Algodão de Jandaíra (IBGE).

Assim, como podemos observar, a história de Remígio-PB possui muitas fragilidades no registro de suas informações, pois o município não possui mecanismos de registro de suas práticas, ficando a vida em sociedade relegado à memória dos moradores mais antigos da região que perpetuaram uma narrativa de que a cidade vem de “Remígio dos Reis” como atestam os versos do cordel “Fundação de Remígio”, de autoria do poeta remigense Severino Cavalcanti:

Lagoas nomes passados/ Remígio nome atual/ Se um por lei foi cancelado/ O outro por lei é legal/ Vem de Remígio dos Reis/ Que chegando aqui se fez/ Destemido e estimado/ E por desfrutar prestígio/ Deu esse nome a Remígio/ Por ser Remígio chamado.

Seja como for, a cidade de Remígio nasce nos anos de 1950 e, por ser uma cidade-eixo devido sua localização, se firma como um lugar de passagem “obrigatória”, tanto para quem adentra o Curimataú paraibano – na direção da cidade de Barra de Santa Rosa –, quanto para quem vai da região Agreste para a do Brejo, especificamente para a cidade de Areia.

Vale ressaltar que a cidade de Remígio está situada numa zona de transição entre Agreste, Brejo e Curimataú e que isso a coloca em um lugar privilegiado, já que por ela transitam pessoas e histórias. Nesse sentido, em seus primeiros anos de emancipação política, por ser um lugar promissor devido à sua localização privilegiada, a população local estava aberta às novidades culturais como o cinema e os jornais impressos.

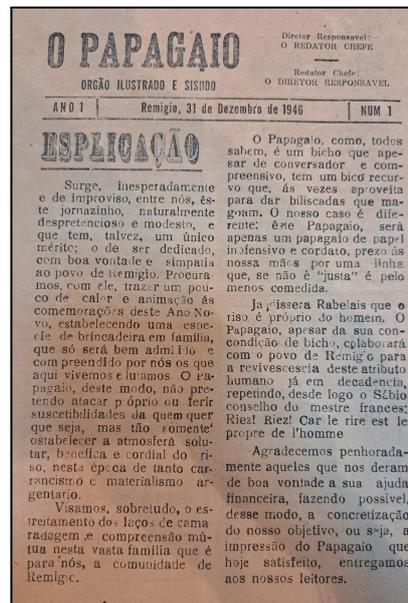
Na arte cinematográfica, ainda hoje existe aquele que é considerado o último cinema de rua da Paraíba, o Cine RT que nasceu Cine São José e teve como precursor o senhor José Leal, um rico comerciante que projetava na tela do cinema grandes histórias, permitindo que a sociedade remigense entrasse em contato com outras culturas que, inevitavelmente, influenciam a vida do lugar.

Por outro lado, até meados do século XX, a imprensa escrita que circulava no até então Distrito de Remígio era da cidade de Areia que nos anos de 1940 possuía as “Oficinas Gráficas da Livraria Santo Antônio”, de propriedade do senhor Antônio Benvindo, pai do escritor Amaury Vasconcelos, responsável por diversas publicações, dentre elas, o jornal “O Século”, fonte histórica importante que registrava diversos fatos da população da região em torno do Brejo de Areia, onde ampliava as vozes e registrava os lugares, as pessoas. Contudo, faltava um periódico que se destinasse às questões específicas de cada localidade, como era o caso de Remígio, a “filha” próspera da cidade-mãe, Areia.

4. Breve Histórico do Jornal O Papagaio

Criado na ainda Vila em Areia, e atual município de Remígio, o jornal O Papagaio teve sua primeira edição registrada no dia 31 de dezembro do ano de 1946 cuja capa pode ser observada na Figura 1. O objetivo do jornal era retratar a sociedade remigense e mostrar as nuances e performances sociais da população incipiente do lugar.

Figura 1



Capa da Edição 1 Jornal O Papagaio do dia
31 de dezembro de 1946, Ano 1

Na primeira edição do jornal aparece a seguinte explicação sobre sua origem: "surgiu, inesperadamente e do improviso entre nós, este jornalzinho, naturalmente desprezioso e modesto, e que tem talvez, um único mérito, o de ser dedicado com boa vontade e simpatia ao povo de Remígio". Tal periódico era produzido por um grupo de estudantes remigenses que estudando na capital João Pessoa, vinham passar as férias na terra natal (Remígio). As páginas circulavam com diversas notícias sobre a sociedade remigense sempre colocadas em algumas situações com humor.

O artefato impresso se caracterizava como citara Hollanda (2004, p. 107) sobre esse tipo de periodismo: "manifestações que criam seu próprio circuito – não dependem, portanto, da chancela oficial, seja do Estado ou das empresas privadas – e enfatizam o caráter de grupo e forma artesanal de suas experiências".

O grupo de redatores se reunia na casa dos amigos pois o jornal não tinha uma sede com um endereço fixo, então eles se encontravam para debaterem e trazerem ideias para serem divulgadas em formato de crônicas, notícias e fofocas que aconteciam nas festividades da festa da padroeira do município. Segundo a edição do jornal:

O nome Papagaio vem do bicho que apesar de conversador e compreensivo, tem um bico de recurso que às vezes aproveita para dar beliscões que magoam e que no caso do jornal, é diferente, o PAPAGAIO é apenas um papel inofensivo e cordato que passa por uma linha que se não for justa, pelo menos é comedida. (O Papagaio, 1946).

A primeira edição teve a impressão realizada com ajuda financeira na oficina de tipografia São João, de propriedade de João de Andrade Melo e que ficava localizada na rua Juviano Sobreira nº36 em Esperança-PB. As edições eram feitas em mimeógrafo, e o jornal era distribuído e vendido na tradicional festa da padroeira da cidade. Registrando, assim, parte da memória do município como nomes de pessoas, casos de famílias, brincadeiras, festas, relações amorosas, entre outros assuntos que despertavam a curiosidade de todos.

Durante os anos 1950 até o final dos anos 1960, o periódico era produzido em Campina Grande na Tipografia Conceição, localizada na Rua Epitácio Pessoa, número 20. A

gestão do jornal era mantida no sigilo e o responsável pela edição também permanecia no anonimato. Na página principal do periódico era colocado como Diretor Responsável: Redator Chefe e como Redator Chefe: Diretor Responsável. O jornal tinha uma tiragem anual, e sua circulação geralmente acontecia do dia 24 de dezembro até o dia 6 de janeiro (período da Festa de Padroeira do município com as festividades de Natal, Ano Novo e Dia de Reis).

Vale destacar que foi identificado que no ano de 1950, o jornal teve 5 edições e aproximadamente 120 unidades chegaram até a população. Já no ano de 1963 o periódico circulou até o dia 30 de janeiro.

Os leitores queriam ter seu nome mencionado no "O Papagaio", principalmente se fosse de maneira positiva, mas a apreensão acontecia quando boatos de cunho negativo ocupavam as páginas do periódico. Como os artigos não eram assinados, isso causava muita confusão. O jornal era distribuído pelos jornaleiros, que vendiam suas cópias no pavilhão e na própria festa. Esses jornaleiros eram jovens que conseguiam ganhar algum dinheiro extra. Em dezembro de 1950, o jornal era vendido por CR\$ 2,00.

Sobre o encerramento das atividades, esta deu-se após aproximadamente quarenta anos de atividades com alguns anos sem veiculação. O fim do jornal deu-se por meio de conflitos pois algumas pessoas não gostavam mais de ser citadas como no início da veiculação dos exemplares ocasionando brigas que ultrapassavam o limite do que era proposto no início do jornal e também com o fim da tradicional festa da padroeira, inviabilizando a continuidade do periódico. Não há um registro que indique qual foi a data da última edição do jornal O Papagaio.

5. Metodologia - Uma Proposta de Análise

A abordagem científica para garantir o cumprimento deste estudo foi direcionada pelos estudos folkcomunicaçãois na perspectiva latino-americana de Comunicação, e inaugurados pelo pesquisador Luiz Beltrão, pois sua tese permite flexibilidade no uso de ferramentas de coleta de informações e análise dos dados de acordo com as especificidades do objeto de estudo.

Nesse sentido, os principais elementos de expressão da folkcomunicação apresentados por Beltrão (1980) que são analisados e que norteiam a abordagem para com o objeto de estudo derivam da folkcomunicação oral: incluindo linguagem coloquial, apelidos, insultos, provérbios, frases feitas, orações, paródias, superstições, contos, histórias, fábulas, mitos, lendas, boatos, entre outros; da folkcomunicação musical: músicas, canções, ritmos populares, instrumentos musicais, entre outros; da folkcomunicação escrita: graffiti, manuscritos, cópias xerográficas, impressos, cartões postais, anúncios de serviços, etc; da folkcomunicação icônica: arte popular, objetos decorativos, vestuário, etc; e por último, da folkcomunicação cinética: trabalho, lazer, eventos culturais, atividades religiosas e cívico-políticas, entre outros.

Para alcançar os objetivos do presente trabalho optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa. Conforme Minayo (2001, p. 21-22), a ação qualitativa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.”, assim, além de analisarmos as edições originais

do jornal, foram feitas entrevistas com depoimentos de pessoas contemporâneas ao momento de circulação do periódico.

Como o objetivo geral da pesquisa é exploratório, (Gil, 1999) cita que a pesquisa exploratória normalmente envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Dentre as fontes que tiveram essas experiências, estão leitores e leitoras, colecionadores e admiradores do jornal. Seus relatos se constituem primeiro como espaços de memória essenciais para a compreensão do que fora o Papagaio, sobretudo, de como as crônicas presentes em suas páginas baseadas no humor eram recebidas e em segundo lugar, como se apresentam os recursos capazes de apontar características e elementos de expressão folkcomunicação apreendidos e utilizados nas edições do jornal.

Como material empírico serão consideradas 15 edições do periódico, sendo 13 do acervo de Nicinha Duarte, sendo eles: do dia 31 de dezembro de 1946, 5 de Janeiro de 1947, 24 de dezembro de 1947, 24 de dezembro de 1948, 30 de dezembro de 1948, 24 de dezembro de 1949, 31 de dezembro de 1949, 3 de janeiro de 1950, 4 de janeiro de 1950, 6 de janeiro de 1950, 24 de dezembro de 1950, 31 de dezembro de 1950, 5 de janeiro de 1951, e dois exemplares achados no lixo do Cine RT, sendo o do dia 29 de janeiro de 1963 e 30 de janeiro de 1963.

Segundo a Constituição de 1988 e sua ampliação, temos os periódicos como patrimônios documentais:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Além disso, a pesquisa realizada se deu por meio de entrevistas visando desenvolver os objetivos propostos por Foletto e Maldonado (2010) que explicam que a “entrevista permite explorar e captar elementos pertencentes à complexidade do processo estudado, mediante informações, percepções, experiências de informantes, assim como compreender de que forma determinado atributo é percebido pelo entrevistado” (FOLETTTO E MALDONADO, 2010, p. 06).

Dessa forma, os entrevistados são Elias Querino que tem 69 anos e é morador de Rondônia RR. Ele é natural de Arara e morou em Remígio de 1970 a 1986. Tem formação em técnico agrícola pela Universidade Federal da Paraíba em Bananeiras. Foi editor do jornal O Papagaio durante 2 anos e é uma importante fonte de informações para entender como o jornal era veiculado. E também com moradores do município: Alice Melo que é formada em Serviço Social e foi professora no município, foi citada na edição de 1961 e também conheceu

boa parte das pessoas citadas no periódico, e que destacou o período de festas da padroeira onde o jornal era um dos destaques.

Maria Ester Carneiro, que tem 95 anos, é empreendedora, moradora e ex-primeira dama do município de Remígio. É uma das pessoas que tem memória afetiva pelo jornal e lembra de como as edições tinham um impacto na sociedade na época que eram veiculadas. Nicinha Duarte, empreendedora e natural de Remígio. Tem ligação direta com o jornal O Papagaio, pois sua tia era uma das pessoas citadas no jornal, e descobriu que a parente guardava várias edições do jornal e que se mantém em ótimo estado de preservação.

Raimundo Mélo Neto Segundo, é Doutorando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Remigense e pesquisador, forneceu seus exemplares para esta pesquisa. E também contamos com a importante participação de Francisco de Assis Melo, autor do livro (Moleques do Palma. 2009) que relata sobre causos da cidade de Remígio-PB. Foi jornalista e jornalista do jornal e atualmente mora em João Pessoa, mas é um dos grandes conhecedores e pesquisadores da história de Remígio, sendo uma peça chave para relatar sobre as edições que eram veiculadas.

Cada entrevistado constitui importante fonte histórica, pois através de seus relatos foi possível entender as percepções dos conteúdos e sua reverberação no âmbito local. Além disso, as entrevistas buscaram salientar como os entrevistados consumiram as informações e qual o impacto que O Papagaio teve na vida de cada um.

Em se tratando da entrevista, optamos pelo formato semi-estruturada, com atenção dada à formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado. Autores como Triviños (1987) e Manzini (1990/1991) têm tentado definir e caracterizar o que vem a ser uma entrevista semi-estruturada.

Para Triviños (1987, p. 146) este tipo de entrevista tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Segundo o autor, esse modelo de entrevista permite que as informações sejam reveladas de maneira mais espontânea e as respostas não são restritas a opções predefinidas.

Uma semelhança evidente entre os dois autores é a importância de elaborar perguntas fundamentais e essenciais para alcançar o propósito do objeto de pesquisa. Dessa forma, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

A natureza das perguntas básicas para a entrevista semi-estruturada também foi estudada por ambos os autores (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1991, 2003). Considerando

que uma entrevista de qualidade precisa iniciar com questionamentos fundamentais, os quais devem alcançar o propósito da pesquisa, torna-se viável analisar o roteiro para verificar se ele está adequado em relação à linguagem utilizada, à estrutura e à ordem das perguntas apresentadas.

As entrevistas foram realizadas presencialmente com quatro moradores de Remígio e dois em formato on-line por meio de aplicativos de mensagem (WhatsApp e Messenger) com moradores de outras cidades, mas que têm vínculos importantes com o Papagaio. Então, nesta pesquisa, foi utilizada a ida a campo, onde entrei em contato direto com os exemplares do periódico e entrevistei presencialmente moradores da cidade para a melhor percepção do objeto estudado.

A primeira entrevistada que foi de total importância para a nossa pesquisa foi Nicinha Duarte. Rapidamente, ela nos mostrou a pasta com arquivos do periódico que sua tia Adalgisa Duarte (já falecida) guardou os exemplares que mantém em ótimo estado de preservação. A tia foi uma das pessoas citadas nos exemplares, pois um grande conto que era sempre citado no jornal, era que Adalgisa namorou por muitas décadas com Benoni e nunca casou, foi um dos namoros mais longos e mais falados da cidade desde o início da circulação do Papagaio. Nicinha ficou gratificada em nos receber e sabendo da importância desta pesquisa, nos repassou os exemplares para que eu pudesse digitalizar através de um aplicativo no celular Mobile Scanner. A entrevista foi realizada no dia 5 do mês de maio de 2024.

Nossa segunda entrevista foi com a moradora do município, Alice Melo, 75 anos. Ela destacou a satisfação ao observar as réplicas que imprimi para que os entrevistados pudessem ler as notícias, crônicas, entre outros destaques referentes às publicações do Papagaio. O momento ativou memórias afetivas e a fez lembrar acontecimentos que foram destaques na sua vida, como a divisão do encarnado e azul, grupos da festa da padroeira onde o periódico circulava. Os grupos disputavam quem teria o maior poder de aquisição nos leilões, na alta sociedade do município na década de 1960 e o que mais arrecada seria o grande vencedor nas noites de festa. A entrevista foi realizada presencialmente, no dia 9 do mês de maio de 2024.

O terceiro entrevistado foi o morador de Rondônia RR, Elias Querino, 69, que nos concedeu uma entrevista on-line através do aplicativo WhatsApp. Um dos editores do jornal, não conseguiu especificar uma data, mas lembra das publicações realizadas nos anos de 1970 junto com um amigo já falecido, Ricardo Carneiro. Ele também destacou a briga ferrenha entre o Azul e o Encarnado nas festas da padroeira no Pavilhão da rua Flávio Ribeiro. Foi uma conversa que trouxe esclarecimentos e também o mistério que tanto o Papagaio desenvolvia nas pessoas por não saberem quem era o dono daquele jornal. A entrevista foi realizada online, no dia 11 de maio de 2024.

A quarta entrevistada, foi a moradora da rua José Laureano, no município de Remígio-PB, uma das principais ruas onde acontecia a tradicional festa da Padroeira onde o periódico circulava. Maria Ester Carneiro, tem 95 anos, é empreendedora, e foi primeira dama de Remígio no mandato do marido e já falecido, o ex-prefeito Celso Carneiro. Procurei garantir que ela se sentisse à vontade, como se estivéssemos apenas batendo um papo, e assim aconteceu. Foi possível observar a satisfação de lembrar os acontecimentos vendo as réplicas do papagaio durante nossa conversa. Durante o diálogo ela citou Seu Lica, mencionado em diversas edições do Papagaio. Ele era uma espécie de conselheiro do município, também citou a disputa do encarnado e o azul no pavilhão da festa da padroeira de

Nossa Senhora Aparecida. A entrevista foi gravada com o aplicativo de gravador de voz no Smartphone no dia 14 do mês de maio de 2024.

A quinta pessoa entrevistada foi Raimundo Melo Neto Segundo. Remigense e pesquisador, ele nos concedeu uma entrevista presencial quando falou como teve acesso a quatro raros exemplares do jornal que foram disponibilizados através de Miguel Martins que encontrou os periódicos descartados com sinais de deterioração, no lixo do Cine São José (Atual Cine RT - Único cinema de rua da Paraíba, e grande destaque da História local do município). O pesquisador me repassou as edições para que eu pudesse fazer a pesquisa. A entrevista transcorreu de forma leve e descontraída na Praça da Lagoa Parque Senhor dos Passos no município de Remígio no dia 13 do mês de maio de 2024, gravada com aplicativo de voz.

O sexto e último entrevistado foi Francisco de Assis Melo, autor do livro (Moleques do Palma. 2009) que relata sobre causas da cidade de Remígio-PB. Na entrevista concedida por meio do aplicativo Messenger do Facebook, o autor destacou os bons tempos quando foi um dos jornalistas misteriosos e também o vendedor do jornal o Papagaio na festa da padroeira na ainda Vila de Remígio. Atualmente ele mora em João Pessoa, mas é um dos grandes conhecedores e pesquisadores da história de Remígio. Destacou que o jornal foi criado por um grupo de estudantes remigenses que vinham de João Pessoa passar as férias na então Vila de Remígio. Também destacou que a primeira edição circulou no meio da década de quarenta e início de cinquenta. Lembrou o grupo de voluntários onde um dos participantes era Hamilton Cavalcanti, sempre citado nos periódicos. Também falou que o jornal era um Papagaio sem dono, e que isso era uma peça chave para relatar sobre os assuntos que eram veiculados.

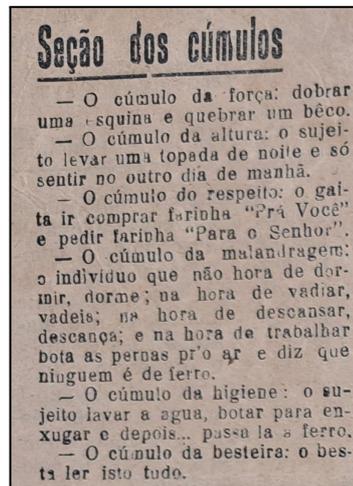
Todos estes depoentes foram importantes nessa fonte histórica do município. Ele relatou que muita gente gostava de ser citado no Papagaio, principalmente quando era de forma favorável, positiva. A maioria das colunas não eram assinadas, por isso era uma grande confusão. O periódico era distribuído através dos jornaleiros, Francisco foi um deles, e as vendas davam-se no pavilhão com a tradicional disputa do encarnado e do azul e na festa propriamente dita. Ele também citou que durante umas duas festas da padroeira circulou também um outro jornal mimeografado chamado Gilete. Francisco destacou a importância que o Papagaio teve na vida de cada um dos integrantes e também da população, mas deixou claro que o responsável pela edição sempre era mantido no anonimato. A entrevista aconteceu no dia 15 do mês de maio de 2024 de forma on-line.

6. Análise

Ao analisar o jornal é possível perceber a utilização dos diferentes elementos folkcomunicacionais para abordar os fatos que têm relação com a representação cultural popular. Tal percepção se confirma com os relatos dos entrevistados. Seguindo então a metodologia proposta e considerando que Beltrão (1980) propõe a classificação dos fenômenos da comunicação popular a partir de um elenco dos “gêneros Folkcomunicacionais”, sendo estes: Folkcomunicação oral, Folkcomunicação musical, Folkcomunicação escrita, Folkcomunicação icônica, e Folkcomunicação cinética.

Identificamos recortes dentre as edições estudadas que se encaixam como forma de Folkcomunicação oral, como no trecho que consta na figura 2, intitulada como *Seção dos Cúmulos*, na qual percebe-se claramente o caráter oral dos termos empregados, como por exemplo, a forma em que a palavra cúmulo, termo que advém da palavra acúmulo, e que na oralidade torna-se comum como forma de expressão popular. O fragmento é perpassado pela coloquialidade. Vale ressaltar ainda que tal trecho carrega em si muito claramente a perspectiva humorística com a finalidade de entretenimento e não com foco na carga informativa.

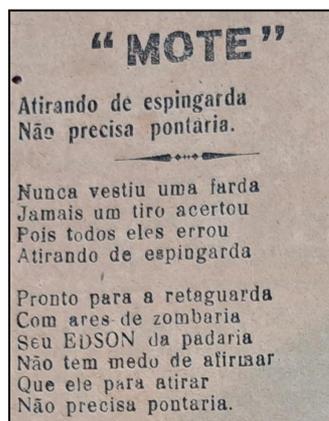
Figura 2



Edição 1 - Jornal O PAPAGAIO
31 de dezembro de 1946, Ano I

Já na figura 3 é possível observar a alusão a mitos onde é citado o nome de seu Edson da Padaria. A forma de escrita traz o humor evidenciando a falta de habilidade do remigense em atirar, contudo o faz, como se isso fosse um dom. Na figura 4 é possível observar uma poesia, sob o título de *O monstro que eu criei*, por Eslú Eloi, que nos remete à leitura de cordel. Tal característica tanto pode ser apreendida como formas de folkcomunicação oral, pela coloquialidade, presença de frases feitas, como também a musical, pela presença de rimas e estrutura poética.

Figura 3



Edição número 1 - Jornal O PAPAGAIO
31 de dezembro de 1946, Ano I

Figura 4



Edição número 1 do Jornal O Papagaio,
31 de Dezembro de 1946, Ano I

Na Figura 5 observamos o uso de frases que eram veiculadas com deboche, com o termo “O que o Papagaio diz da Gordura de Alice Melo” trazendo uma característica que aquela pessoa não tinha, na entrevista a remigense Alice cita que era uma jovem alta e muito magra, “um palito” fora dos padrões e com isso sofria gozações e brincadeiras que eram comuns na época da veiculação do periódico. Ela explica:

Era grande a influência que o jornal causava nas pessoas quando eram abordadas com tom de brincadeiras como quando fui citada, era algo que gerava um burburinho, o povo aguardava a festa da padroeira para adquirir a edição do jornal, e ver alguma notícia que alguém tenha sido relacionado, isso era o motivo das rodas de conversas, dos comentários e risadas entre os jovens daquela época. (Entrevista concedida em 09 de maio de 2024).

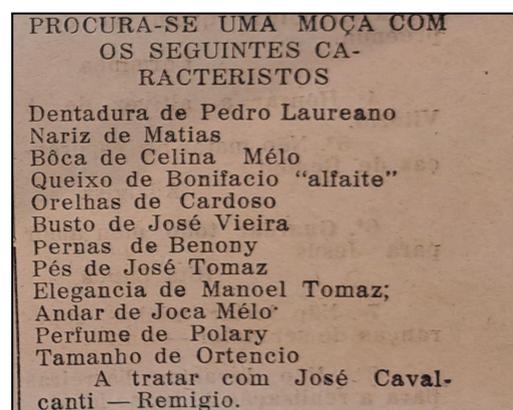
Na figura 6 é possível observar o uso de características marcantes de pessoas do município para formar o perfil de uma possível moça a qual José Cavalcanti estava procurando. Mais uma vez ressaltamos a perspectiva humorística com detalhes que claramente destacam a comunicação local.

Figura 5



Edição número 2 do Jornal O Papagaio,
29 de janeiro de 1963, Ano XVII

Figura 6

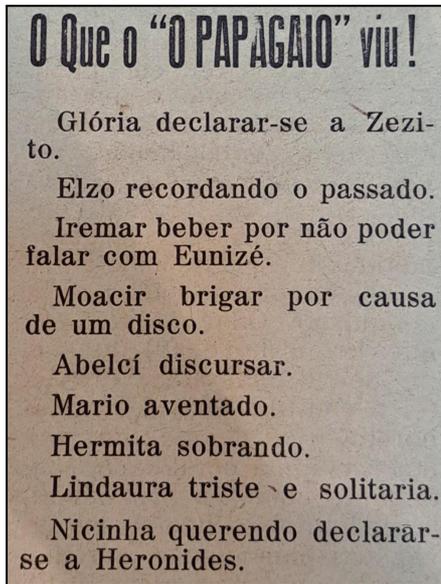


Edição número 3 do Jornal O Papagaio,
30 de dezembro de 1948, Ano III

Já na Figura 7, vemos um tipo de conteúdo recorrente nas páginas do periódico que eram as fofocas. Com nomes e detalhes sobre a pessoa citada, a coluna intitulada *O que o Papagaio viu!* referia-se ao que acontecia nas noites de Pavilhão na festa da Padroeira. O que era percebido ali pelos responsáveis pelo jornal ou por seus colaboradores seria destacado em suas páginas.

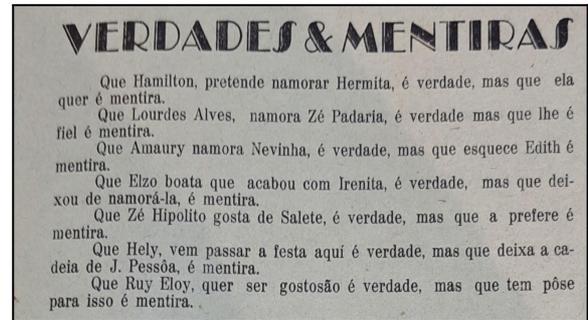
Outro trecho que merece destaque aparece na figura 8 com as *Verdades e Mentiras*, onde apareciam boatos de jovens como Hamilton, Ruy Eloy e Hermita que frequentavam a festa da padroeira. A coluna tratava-se de um espaço de fofocas e especulações sobre os munícipes. A diferença entre esse espaço e *O que o Papagaio viu!* era o tom de dúvida e especulação.

Figura 7



Edição número 2 do Jornal O Papagaio,
31 de dezembro de 1950, Ano V

Figura 8

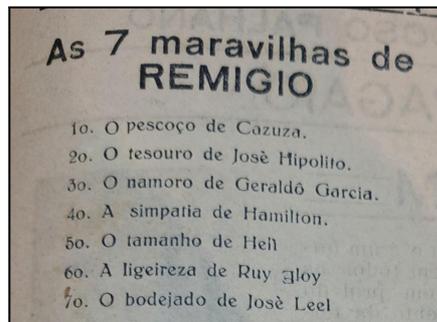


Edição número 1 do Jornal O Papagaio,
24 de dezembro de 1950, Ano V

Esse tipo de conteúdo que trazia um teor humorístico e citava nomes de pessoas da cidade, causava uma grande repercussão e se tornava assuntos de sociabilidade que rendiam dias de conversação entre os remigenses conforme declara em entrevista, o pesquisador Raimundo Segundo, que explica como agiam aqueles que escreviam o jornal, apurando informações para as futuras edições durante a festa da Padroeira, que era justamente o momento de maior concentração da população:

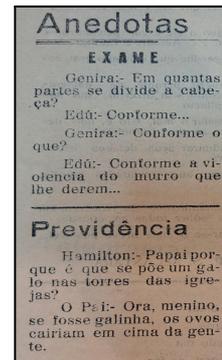
Essas colunas eram retratadas de acordo com o que era visto na Festa da Padroeira. No trecho "O que o Papagaio viu" cita que Mário ficou aventado, então ele ficou nervoso com algum acontecido na festa e isso era relatado nas edições do periódico. Na coluna "*Verdades e Mentiras*" jogavam fofocas que circulavam também na festa, era como os olhos do Papagaio, bisbilhotando de longe, era o resultado do Pavilhão, tinha festa, tinha os cordões, e o povo estava todo envolvido e o jornal era construído no período dessa festa que durava em torno de uma semana, então os colunistas ficavam bisbilhotando os munícipes dentro do Pavilhão como no trecho "*Que Amaury namora Nevinha é verdade, mas que esquece Edith é mentira*" ou seja alguém ouviu e o Papagaio tava ali só replicando porque é justamente isso que a ave faz, alguém diz uma coisa e o Papagaio transmite. Seriam esses olhares que o jornal o Papagaio replica e que acontecia a miúda dentro do Pavilhão da festa da Padroeira (Em entrevista concedida em 13 de maio de 2024).

Figura 9.



Edição número 5 do Jornal O Papagaio,
4 de janeiro de 1950, Ano IV.

Figura 10

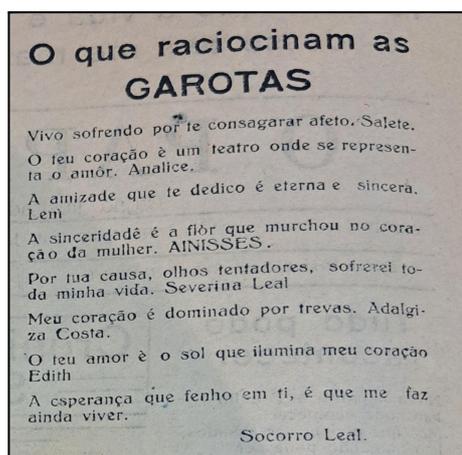


Edição número 6 do Jornal O Papagaio,
6 de janeiro de 1950, Ano IV

A figura 9 traz um trecho que repete o estilo de conteúdo presente nas figuras 5 e 6, nas quais é possível observar o uso de características marcantes de pessoas e também o deboche de algo que aquela pessoa não tinha, para deixar marcado nas páginas do jornal. Na figura 10, observamos o uso de Anedotas utilizando o sempre requisitado Hamilton Cavalcanti.

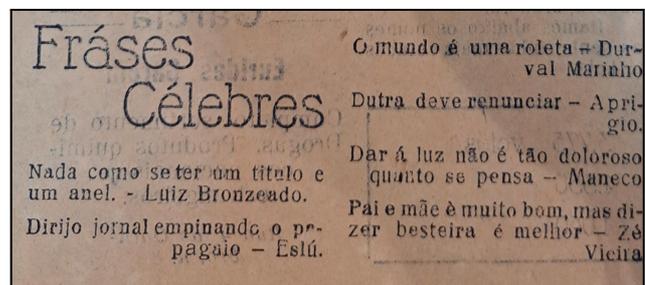
Já na figura 11 é possível visualizar o uso de frases feitas e linguagem coloquial onde é destacado *O que raciocinam as garotas*. Vale destacar que aqui não se reproduziam essas frases apenas, mas a cada uma era atribuída uma autoria, insinuando que esses eram os pensamentos e sentimentos das moças da cidade. Ou seja, era sempre recorrente citar nomes para suscitar burburinho, repercussão, pois o jornal não tinha uma linha editorial com finalidade informativa. Já a figura 12 diz respeito a coluna denominada *Frases Célebres*. Neste espaço eram relatadas frases de pessoas da cidade e com grandes reflexões com tom de humor, tendo como exemplo: “Pai e mãe é bom, mas dizer besteira é melhor - Zé Vieira”.

Figura 11.



Edição número 4 do Jornal O Papagaio,
4 de janeiro de 1950, Ano IV.

Figura 12

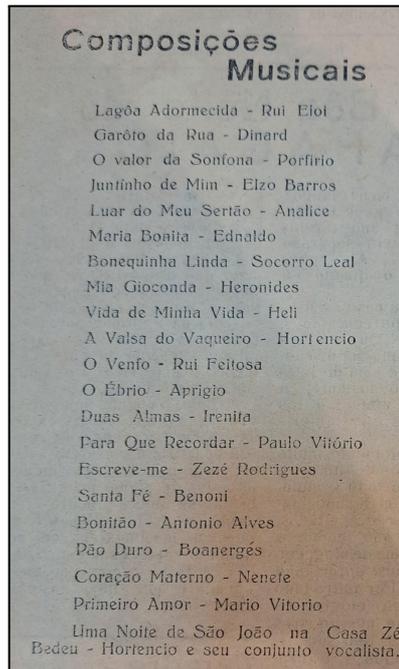


Edição número 3 do Jornal O Papagaio,
6 de janeiro de 1947, Ano II

Diante do exposto, compreende-se que esta coluna foi publicada nos primeiros anos de tiragem do jornal. Na figura 13 é possível identificar a Folkcomunicação musical sobre a qual

Beltrão (1980) cita que músicas, canções, ritmos populares, instrumentos musicais, podem ser classificadas neste gênero. É possível citar que canções foram atribuídas com nomes de Rui Feitosa, Aprigio, Irenita, Paulo Vitório entre outros moradores de Remígio na época de sua circulação.

Figura 13



Edição número 1 do Jornal O Papagaio,
24 de dezembro de 1949, Ano IV

Na Folkcomunicação escrita, Beltrão (1980) cita como exemplos: o graffiti, os manuscritos, as cópias xerográficas, as impressões, os cartões postais, os anúncios de serviços, etc. E é exatamente o que se percebe nas figuras que se seguem.

Figura 14



Edição número 1 do Jornal O Papagaio,
24 de dezembro de 1950, Ano V

Figura 15



Edição número 3 do Jornal O Papagaio,
5 de janeiro de 1951, Ano V

Este era um tipo recorrente de conteúdo que apareciam nas edições de O Papagaio e que é possível observar nas figuras 14, 15, 16 e 17. São caricaturas utilizadas para retratar acontecimentos da vida dos moradores. Junto às imagens apareciam os nomes das pessoas em seus respectivos momentos vividos como: o bebê Estanislau Eloy entre flores, Mário Vitório presidindo as sessões do Papagaio, Zé Cavalcanti encachaçado no meio das fãs e Elzo Barros indo encontrar Amauri Leal no carrossel da Benevenuto.

Figura 16



Edição número 1 do Jornal O Papagaio,
24 de dezembro de 1948, Ano III

Figura 17



Edição número 6 do Jornal O Papagaio,
6 de janeiro de 1950, Ano IV

Os anúncios também se faziam presentes nas páginas do periódico. Na figura 18, por exemplo, é possível visualizar os anúncios de serviços como a Casa Lima, de Manoel Mizael de Lima com miudezas e perfumarias, a Drogaria Garcia de Eurides Garcia, localizada na rua 4 de outubro, e a Casa São João de João Inácio de Melo com vendas de estivas, ferragens, louças e vidros.

Figura 18

Casa Lima
— DE —
Manoel Mizael de Lima
Miudezas e Perfumarias
Louças e Vidros.
Rua João Pessoa, 53
Remigio — Paraiba

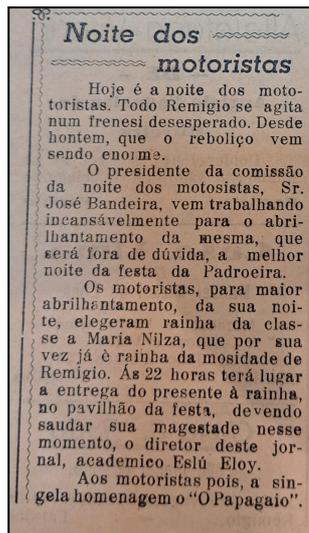
Drogaria Garcia
— de —
EURIDES GARCIA
Drogas nacionais e estrangeiras.
Atende a qualquer hora do dia e da noite.
Rua 4 de Outubro, 8
Remigio — Paraiba

Casa S. João
João Inácio de Melo.
Estivas, Ferragens Louças e Vidros
Remigio — Paraiba

Edição número 1 do Jornal O Papagaio,
24 de dezembro de 1948, Ano III

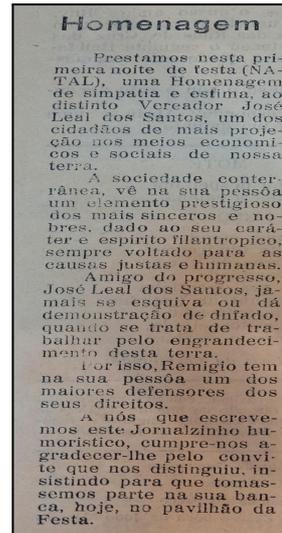
Luiz Beltrão ainda cita como gêneros nos seus estudos a Folkcomunicação icônica: apresentada na arte popular, nos objetos decorativos, nos vestuários, nos símbolos, etc. E por último, cita a Folkcomunicação cinética: como trabalho, lazer, eventos culturais, atividades religiosas e cívico-políticas, entre outros.

Figura 19.



Edição número 3 do Jornal O Papagaio, 30 de dezembro de 1948, Ano III

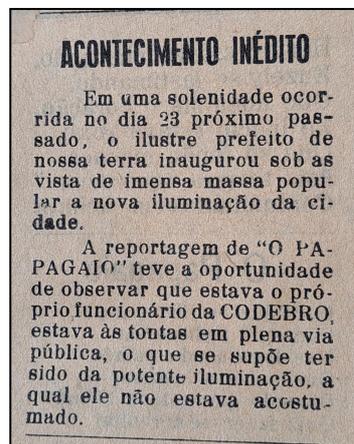
Figura 20



Edição número 1 do Jornal O Papagaio, 24 de dezembro de 1949, Ano IV

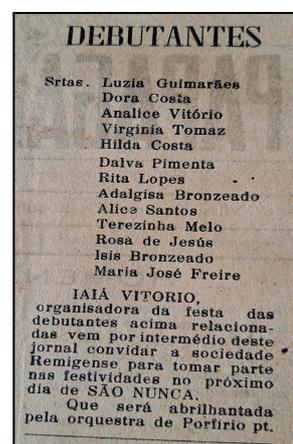
Na figura 19, o destaque vai para o evento da Noite dos Motoristas, o presidente da Comissão foi o sr. José Bandeira. Na figura 20, o destaque vai para a primeira noite de festa (Natal) com uma atividade cívico-política e homenagem ao vereador José Leal dos Santos. Na figura 21, o destaque vai para a solenidade da inauguração da iluminação da cidade, pelo prefeito de Remígio no ano de 1963, Joaquim Cavalcanti de Moraes. Já na figura 22, é possível visualizar o destaque para a festa das debutantes que seria organizada por Iaiá Vitória, onde os nomes das senhoritas Luzia Guimarães, Dora Costa, Analice Vitória, Virginia Tomaz, Hilda Costa, Dalva Pimenta, Rita Lopes, Adalgisa Bronzeado, Alice Santos, Terezinha Melo, Rosa de Jesus, Isis Bronzeado e Maria José Freire foram citadas.

Figura 21.



Edição número 2 do Jornal O Papagaio, 29 de janeiro de 1963, Ano XVII

Figura 22



Edição número 2 do Jornal O Papagaio, 29 de janeiro de 1963, Ano XVII

Podemos destacar que na versão atualizada da sua teoria da folkcomunicação, BELTRÃO (1980) a “folkcomunicação escrita” passa ser rotulado como “folkcomunicação visual”, incluindo não apenas as expressões “manuscritas”, mas também as “impressas” e as “pictográficas”, todas elas captadas através da “visão”. Então no Gênero Folkcomunicação visual, o periódico se apropria de elementos folkcomunicacionais no formato escrito dos seguintes tipos: carta anônima, na coluna “*telegramas*” do exemplar de 31 de dezembro de 1946, Edição I, Ano I, a seguinte frase é destacada “*Eunice Vitória, melhor será esqueceres passado, aceitando meu amor: assinado por Alguém*”, já na Edição de 5 de Janeiro de 1947, Ano II, N°3, o destaque para o correio sentimental, “*De nada valeu a pena, meus estudos terminar, vivo presa e vigiada, sem o direito de amar. Ass: Nívea*”, também o periódico se apropria no formato impresso com os tipos: literatura de cordel, destacada também na Edição de 5 de Janeiro de 1947, Ano II, N°3, com o Mote “*Quem não rouba neste mundo, no outro será roubado*” e na Glosa: *Não gosto de caçoada/ porque não sou trapaceiro/ sempre fui bom companheiro/ do meu fiel camarada/ porém pra não ganhar nada/ não vale a pena viver/ Eu -Zé Leal- vou dizer/ Fique certo Bronzeado/ quem não roubar neste mundo/ no outro será roubado*”, já no formato pictográfico na Edição de 31 de dezembro de 1950, Ano V, Número 2, o periódico destaca os tipos: legenda de caminhão, como em: “*Quando um besta fala, há sempre outro que o admire*”.

Nota-se que desde figuras de autoridade ou destaque político até jovens moças e rapazes, donos de comércio, todos são em algum momento referenciados. O Papagaio não tinha predileção e também não poupava ninguém, o importante era fazer repercutir, gerar humor, sátira e conversação após os festejos tradicionais da cidade.

De acordo com os entrevistados anteriormente citados, o jornal estimulou significativamente a sociabilidade dos remigenses no período de sua circulação. Vale salientar que 30% dos entrevistados da pesquisa trabalharam no jornal e 70% já tiveram contato com o periódico em períodos distintos. Do total de entrevistados, 70% viveram essa época e ao acessarem suas memórias identificaram uma mudança significativa nas relações de sociabilidade, ressaltaram que o jornal tinha um aspecto de fraternidade e cumplicidade para os remigenses.

Quanto a relevância do trabalho de pesquisa que faz lembrar acontecimentos históricos com impacto na sociedade remigense no período antes e depois de sua emancipação, 100% dos entrevistados consideram que temas como esse tem a relevância para a história local e acreditam que trabalhos representativos com assuntos com tamanha importância para a sociedade são fontes de conhecimento, pertencimento e de patrimônio cultural do município.

A memória de um país, da família, das épocas, das instituições integram o conjunto a que chamamos memória social. Os registros, sejam quais forem, permitem o desenvolvimento da cultura, guardam nossa memória coletiva, o que incide sobre a possibilidade de alterações culturais. Memória é resultado dos entrelaçamentos das experiências de um tempo vivido e que “[...] transmitimos para que o que vivemos, cremos e pensamos não venha a morrer conosco”. (Debray, 2000, p. 16).

Portanto, é por meio da memória que os fatos ocorridos no passado, são recordados e vividos no momento atual, propiciando o surgimento de novos conhecimentos, já que o saber

persiste ao longo do tempo. Dessa maneira, a preservação dos grupos sociais se realiza por meio da perpetuação da memória, que consiste em um acervo de recordações acumuladas e compartilhadas entre as diferentes gerações.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como propósito a análise do jornal O PAPAGAIO - Remígio-PB que mostrou a relevância do periódico como um documento para recuperação da memória e de um período do passado. A pesquisa possibilitou compreender o jornal enquanto documento e lugar de memória discursiva, revelando uma importante faceta dos meios de comunicação popular e de caráter impresso.

No que diz respeito à identificação do jornal enquanto instrumento para pesquisa, pode-se compreender que o periódico apresenta um conjunto de informações do cotidiano de um povo ou sociedade que não estão disponíveis em outro meios. Também pode-se entender que este meio de comunicação apresenta papel de destaque na construção e formação dos processos culturais, sociais, políticos e econômicos de uma comunidade.

Quanto à compreensão da história do jornal O PAPAGAIO e de como estimulou a sociabilidade remigense, esta foi identificada a partir das entrevistas realizadas, tendo em vista que a grande maioria dos entrevistados tiveram contato com o periódico. Tivemos entrevistas importantes como a de Nicinha Duarte que mantém no seu acervo, edições em ótimo estado de preservação.

Também houve a participação importante de Francisco de Assis Melo, um dos jornalistas do periódico e também com a participação de Elias Querino, que foi um dos integrantes do jornal e ainda pessoas essenciais como Ester Carneiro, Alice Melo e o pesquisador Raimundo Segundo que responderam as perguntas com exatidão com relatos capazes de elucidar como o jornal teve início; como era feito; quem participou; a representatividade deste no contexto municipal; a tiragem, bem como entender o processo tipográfico e o motivo que levou ao encerramento das atividades.

Um fator interessante é que o Papagaio buscava sempre incluir em suas edições uma homenagem a uma personalidade conhecida da cidade. Ao fazer isso, o periódico acaba divulgando líderes políticos da região. Neste sentido, pôde-se encontrar informações que apresentam fatos da população, do desenvolvimento, da sociabilidade, dos acontecimentos do cotidiano, da política e economia local. Através dessas ideias, podemos notar como as plataformas digitais se apropriaram de métodos utilizados no jornal O PAPAGAIO nos anos de 1946, o Instagram, por exemplo, é um reflexo dessa evolução tecnológica, com perfis que privilegiam o uso de sátiras, imagens, vídeos, fofocas e textos curtos. Isso fez com que o interesse das pessoas, atualmente, migrasse para as redes sociais, atendendo assim às expectativas do seu público-alvo. Surgiram então os perfis de fofocas e influenciadores, que são remunerados para manter a sociedade entretida com os temas que abordam.

Em suma, O Papagaio pode ser considerado um exemplo de como os elementos folkcomunicaçãois estão presentes na identificação com o público e revelam a realidade e a cultura local.

Por fim, respondendo à pergunta da pesquisa, conclui-se que o registro da história de uma comunidade através de um jornal local, como O Papagaio, atuou como um meio de integração social, facilitando o contato e fortalecendo os laços de pertencimento e fraternidade

entre os moradores, tornando-os mais solidários. Logo, é essencial preservar o acervo e a memória, sobretudo quando as atividades do periódico chegam ao fim, pois ele se mantém como uma fonte de conhecimento significativa.

Após concluir esta pesquisa, é importante ressaltar a dificuldade em encontrar materiais de arquivo sobre jornal como um documento relevante para pesquisa. O acervo é praticamente limitado, alguns exemplares foram descartados e encontrados no lixo com grande deterioração, poderia ter sua acessibilidade ampliada por meio de parcerias com entidades públicas, visando sua futura disponibilização através de um projeto de digitalização, por exemplo.

Nesse contexto, compreende-se que estudos mais detalhados sobre a comunicação impressa podem fornecer elementos para compreender o funcionamento da sociedade, eventos históricos e possíveis transformações pelas quais a Vila passou ao se tornar o que é hoje, o município de Remígio-PB.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1980. p.207.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960

BELTRÃO, Luiz. **Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Coleção Comunicação -12. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

DEBRAY, R. **Transmitir**: o segredo é a força das ideias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOLETTTO, Rafael; MALDONADO, Efendy. **Tempos de Mudança**: os novos caminhos do Paraguai contextualizados à luz do relato de Juan Días Bordenave. RuMoRes, v. 4, n. 7, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51186> Acesso em: 17/05/2024

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOV.BR <https://www.gov.br> > dpaPDF **Art. 216** Acesso em: 18 maio 2024.

HOHLFELDT, Antonio. **Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação**: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais – comunicação apresentada no Núcleo de Pesquisas sobre Folkcomunicação, no âmbito da XXV Intercom, Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, Vanguarda e desbunde**. 5. ed. 1960/1970. São Paulo: Aeroplano, 2004.

RODRIGUES, Giseli Giovanella. MACHADO, Neli Teresinha Galarce. A **Importância da Memória para uma Cidade**. Revista Destaques Acadêmicos, ano 2. n. 2. p. 23-26. 2010. CCHJ/UNIVATES. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/61>. Acesso em: 24 maio 2024.

LUYTEN, J. M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. 3ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990

MELO, José Marques de. Mídia e cultura popular. **História, taxonomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

SERAFIM, Péricles Vitorio. **Remígio: Brejos e Carrascais**. João Pessoa, Editora Universitária, 1992.

SERAFIM, Péricles Vitorio. **O Sesmeiro do jardim**. João Pessoa, Ideia, 2004.

MARIZ, Celso. **Esboço de Monografia do Município de Areia**. João Pessoa, 1956.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Ática, 1987.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre me incentivou nos estudos e fez de tudo para que eu alcançasse meus objetivos e agradeço aos meus irmãos pelo apoio.

Quero expressar minha gratidão à minha orientadora, a professora Ada, que enxergou o potencial da minha pesquisa e me ajudou a organizar minhas ideias e com dedicação tornou este trabalho possível. Sou grato também a Eduardo Gomes por me ajudar nesta etapa. Agradeço ao grande incentivador, Raimundo Segundo, que esteve presente e me apoiou durante todo o processo, lembrando-me constantemente da importância deste estudo. Um agradecimento especial aos amigos que sempre me encorajaram e ouviram minhas ideias e dúvidas. A motivação de vocês foi fundamental ao longo da pesquisa.

Não posso deixar de agradecer aos professores de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, por me mostrarem o valor da educação, em particular a Jurani Clementino e Rafael Melo, sou imensamente grato por todo apoio. Também agradeço aos moradores de Remígio que participaram das entrevistas, Nicinha Duarte, Alice Melo, Ester Carneiro, e aos jornalistas do Papagaio Elias Querino e Francisco de Assis Melo, que compartilharam suas memórias nesta pesquisa. Agradeço ao meu amigo Carlos Falat, pela sua ajuda constante e por saber que posso sempre contar com ele.

Expresso toda minha gratidão e carinho à Carmen Sheila, minha madrinha (In memoriam), não encontro palavras suficientes para agradecer. Agradeço por ter me orientado, ouvido e apoiado ao longo de toda a minha graduação. Mesmo que não esteja presente fisicamente, sei que de onde estiver, está torcendo por mim e vibrando com as minhas conquistas, sendo peça fundamental em todo esse processo. Também sou grato à Universidade Estadual da Paraíba, por proporcionar a realização de tantos sonhos e me ajudar a me tornar uma pessoa cada vez mais dedicada ao ensino e à pesquisa.

Esta mensagem é dedicada a todos que, de maneira semelhante a mim, nutrem paixão e confiam na eficácia da comunicação. A habilidade de se comunicar representa um dos mais significativos e empolgantes desafios.